

## **O espaço da estagnação, o tempo da decadência: escravidão, servilismo e falência das oligarquias rurais na *Crônica da casa assassinada***

*Eduardo Marinho da Silva*<sup>1</sup>

### **Resumo**

Esta comunicação tem como objetivo apresentar uma discussão sobre as relações de trabalho presentes na obra *Crônica da Casa Assassinada*, publicado por Lúcio Cardoso em 1959. No romance, a estagnação é espacializada, sendo figurada tanto no isolamento da chácara dos Meneses em relação aos outros habitantes de Vila Velha, quanto no isolamento individual de cada personagem. O enfraquecimento dos laços familiares e sociais são figurados em termos de tensão interiorizada, os dramas do tempo histórico sendo vivenciados sobretudo como dramas subjetivos – oposições entre personagens, entre campo e cidade, entre cidade e latifúndio. Aqui as relações de trabalho aparecem circunscritas aos espaços segregados, à convivência de diversos regimes de trabalho que implicam lugares sociais e morais distintos. A decadência, por sua vez, é sentida em termos temporais, lugar da tensão crítica, em que os dramas são experienciados coletivamente em um tempo congelado e com sobreposição de tempos históricos. Os dramas coletivos são vivenciados sobretudo a partir de conflitos familiares e de classe – a família que perde seu prestígio junto com suas terras, os interesses escusos e as violências regendo as interações entre os personagens. Aqui as relações de trabalho ganham complexidade e apontam para a memória viva da escravidão, para as articulações entre dependência e servilismo entre as classes, que regem a desagregação da oligarquia rural mineira e seus parasitários. A análise da comunicação vai se concentrar principalmente nas oposições aparentes que regem a sociabilidade dos personagens, a fim de encontrar as marcas profundas das relações entre a mão de obra escrava e servil e a classe dos herdeiros da casa-grande.

### **Palavras-chave**

Lúcio Cardoso; *Crônica da casa assassinada*; trabalho; romance de 1930

---

<sup>1</sup> Bacharel e Licenciado em Letras-Português pela Universidade de São Paulo. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, sob orientação do Prof. Dr. Vagner Camilo. Bolsista CAPES. E-mail: marinhoems@gmail.com.

A certa altura da narrativa, Demétrio, o primogênito dos três irmãos Meneses, situa com precisão a situação em que se encontra a família:

— Não vê? Pois olha, você sabe muito bem o que representamos: uma família arruinada ao sul de Minas, que não tem mais gado em seus pastos, que vive de alugar esses pastos quando eles não estão secos, e não produz nada, absolutamente nada, para substituir rendas que se esgotaram há muito. Nossa única oportunidade é esperarmos desaparecer quietamente sob esse teto, a menos que uma alma generosa – e ele fitou rapidamente a patroa – venha em nosso auxílio. (CARDOSO, p. 66)

Apesar de o enredo de *Crônica da casa assassinada*, romance de Lúcio Cardoso publicado em 1959, transcorrer em uma data incerta – a narrativa percorre um arco temporal aproximado de três décadas, começando no último decênio do século XIX e adentrando as duas primeiras décadas do XX – as marcas do tempo histórico estão entranhadas nas personagens e alicerçam o edifício que sustenta aquela casa origem colonial. A família patriarcal mineira estava em crise: durante quatro séculos ela se erigiu enquanto instituição assentada no latifúndio destinado à monocultura de exportação, com a mão de obra escrava sendo explorada como principal força de trabalho. Parte dela sobreviveu à virada do século graças à fatores como a substituição da escravidão por outras formas de trabalho assalariado precário, como a mão de obra imigrante; a diversificação do emprego do capital, cada vez mais circulando em ambientes urbanos; além de um estreitamento na relação com o Estado, num processo de cooptação e dependência que vai se intensificar a partir dos anos 1930. Outra parte assistiu seu prestígio ir embora junto com suas terras, em um processo acentuado de decadência que culminou com a completa ruína de toda uma geração que se mostrou incapaz de se adaptar às novas configurações que o capitalismo imprimiu ao país no século XX.

A literatura brasileira moderna e contemporânea testemunhou o declínio social e mental das oligarquias rurais, e mais de um crítico apontou a temática da decadência quase como uma característica distintiva das obras nacionais<sup>2</sup>. O tema é particularmente

---

<sup>2</sup> No prefácio ao livro *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, Antonio Candido afirma: “Sempre me intrigou o fato de um país novo como o Brasil, e num século como o nosso, a ficção, a poesia, o teatro produzirem a maioria das obras de valor no tema da decadência, - social, familiar, pessoal” (MICELI, p. XII-XIII).

relevante para a geração da qual Lúcio Cardoso faz parte<sup>3</sup>, que assistiu a profundas mudanças políticas, econômicas e sociais dentre as quais a Revolução de 30, que marca a passagem da República Velha ao Estado Novo, a tardia e incipiente industrialização do país, e a urbanização vertiginosa são as mais importantes. O romance, gênero que se consolida no país neste período marcado pelo acirramento político e ideológico, vai explorar estas transformações de diversas formas. A personagem do desvalido – representado com vigor pelos escritores de temática social, que investigam os dramas humanos a partir de sua dimensão coletiva e social – vai conviver com uma série de figuras que integram aquilo que Roberto Schwarz chamou de “a literatura da decadência rural”<sup>4</sup>. O fracassado, outra figura de relevância do mesmo período, parece condensar tanto aquelas figuras provenientes de famílias já arruinadas como aquelas que ainda estão vivenciando as diversas formas de *déclassement*, de um rebaixamento na hierarquia social. É o caso da família Meneses, protagonistas do romance *Crônica da casa assassinada*, para quem o desaparecimento da família coincidirá com desaparecimento das terras.

Buscando ir além da dicotomia redutora que separa a produção romanesca da geração de 1930 entre regionalistas e introspectivos, Alfredo Bosi<sup>5</sup> oferece uma nova maneira de pensar o conjunto dos romances produzidos no período, segmentando-os a partir da relação do herói/mundo, da captação e representação do ambiente, do andamento da ação narrativa. Lúcio Cardoso, comumente classificado pela crítica como romancista introspectivo e intimista – sobretudo por conta dos romances produzidos na década de 30 – continua, vinte anos depois, explorando a subjetividade de suas personagens. No entanto, a *Crônica da casa assassinada*, pelo multifacetado jogo de encenação de vozes advindas de lugares sociais distintos, oferece um panorama mais complexo do tecido social, daí este romance da decadência não poder ser lido apenas como dramas

---

3 O autor estreou na literatura em 1934, com o romance *Maleita*.

4 SCHWARZ, Roberto. *Cultura e política, 1964-1969*. In: *Cultura e Política*. 3ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

5 BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 49ª ed. São Paulo: Cultrix, 2013. Cumpre ressaltar que esta proposição de Bosi é baseada nos estudos sobre o romance moderno de Lucien Goldmann a partir de uma crítica dialética, que pressupõe “a existência de homologias entre a estrutura da obra literária e a estrutura social, e, mesmo grupa, em que se insere o seu autor” (p. 417).

individuais das personagens, mas precisam ser apreendidos também nas suas dimensões de classe, de gênero e de raça.

Alfredo Bosi destaca romances que conseguem atingir uma dimensão crítica são aqueles que revelam “as graves lesões que a vida em sociedade produz no tecido da pessoa humana: logram por isso alcançar uma densidade moral e uma verdade histórica muito mais profunda”<sup>6</sup> (2013, p. 419). Sem dúvida, com a *Crônica da casa assassinada* Lúcio Cardoso consegue oferecer um retrato dramático do processo de desaparecimento de uma classe social. Esta, porém não habita só no mundo, convivendo com uma rede intrincada de sujeitos que, como tais, precisam ser exploradas em suas complexidades e contradições em termos de representação literária.

A dimensão introspectiva da *Crônica da casa assassinada* é facilmente percebida pelos leitores. Diversos gêneros da intimidade são mobilizados para a construção da narrativa, toda ela um emaranhado de registros escritos que dão conta do andamento do enredo, mas que também se perde em memórias, divagações e sondagens espirituais. Os dramas do tempo histórico aparecem atenuados e representados ora como conflitos individuais, ora como conflito entre personagens. Pode-se tomar como exemplo Betty, a governanta inglesa da família, outrora preceptora de Timóteo. Imersa na relação conflituosa entre os Meneses, com muita eficácia ela dissimula, em análises pormenorizadas dos dramas familiares, sua relação conflitiva com às demais trabalhadoras da chácara – por ela referidas como “as pretas da cozinha”. Que algumas delas tenham sido escravas, como a quase centenária Anastácia, ou que o pagamento pelos serviços prestados atrase por meses e meses, não se interessa: orgulha-se de ser a única funcionária que transita da cozinha para os demais aposentos e até mesmo é escolhida para as confidências e segredos do patrão.

É só por meio da análise de cada registro escrito de determinado narrador-personagem, confrontado com um outro ponto de vista conflitivo com o seu, que as tensões ultrapassam a dimensão individual e atingem a social, espaço da tensão crítica. Espaço

---

6 Op. Cit.

parado no tempo, ilhado pelas transformações sociais que já atingem Vila Velha e se aproximam dos portões da casa colonial, a Chácara dos Meneses é um retrato do Brasil que se moderniza e permanece arcaico: no seio familiar convivem, numa atmosfera de tensão, a escrava e a preceptora inglesa; prestadores de serviço como o médico e o farmacêutico não escondem o assombro que a grandiosidade do passado ainda imprime às figuras familiares, quase como se os esmagasse. Para a cidadezinha do interior, Vila Velha – uma roça que é um “fim do mundo”, no dizer de uma das personagens – esquecida e quase intocada pela modernidade, só resta continuar parasitando os restos da oligarquia decadente, num processo de servilismo. Ela só pode subsistir enquanto existir os Meneses: ao final da narrativa, com a completa desagregação familiar, Vila Velha será saqueada pelo bando de Chico Herrera e, logo em seguida, dizimada por uma epidemia.

O destino algo fantástico da cidade, somado ao enredo folhetinesco do romance, compromete a narrativa de Lúcio Cardoso. As tentativas de homologia (personagens = chácara = cidade, representando respectivamente a família, a classe e o país) quase sempre são frustradas, principalmente pela falha na representação de todas as personagens que não sejam um Meneses. Uma força centrífuga pressiona a narrativa, exigindo melhor desenvolvimento em termos de representação: essa força é o tempo, que precisa ser apreendido não apenas na dimensão subjetiva, mas também histórica. Enquanto os conflitos de classe da oligarquia são bem representados em termos de narração e narrativa, o conjunto de personagens menores são mal delineados, frequentemente resvalando no tipo e nem de longe com a mesma profundidade psicológica dos Meneses. A tragédia familiar atua como força centrípeta da narrativa, fazendo convergir todos os pontos de vista, mas o painel se apresenta mais vasto do que o mergulho intimista consegue abarcar.

## Referências bibliográficas

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 49<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. 2<sup>a</sup>. ed. Madrid, Paris, México, Buenos Aires, São Paulo, Rio de Janeiro; Lima: ALLCA XX / Edusp, 1996. (Coleção Archivos, nº 18). Edição crítica coordenada por Mário Carelli.

MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. Rio de Janeiro: Difel, 1979. Prefácio de Antonio Candido.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-1969. In: *Cultura e Política*. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.